

Lima Barreto: a razão diligente no *Diário do hospício*

João Roberto Maia¹

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (Fundação Oswaldo Cruz)
maiadacruzj@gmail.com

Resumo: *Diário do hospício* constitui o testemunho da segunda internação de Afonso Henriques de Lima Barreto no Hospital Nacional dos Alienados, no Rio de Janeiro, entre 1919 e 1920. A análise desse texto autobiográfico, que denuncia a opressão e a humilhação sofridas por seu autor, visa demonstrar a força e a atualidade da reflexão de Lima Barreto sobre a loucura, a ciência e as instituições manicomiais.

Palavras-chave: Lima Barreto; diário; loucura; manicômio

Abstract: *Diário do hospício* is the testimony of Lima Barreto's second hospitalization at the Hospital Nacional dos Alienados in Rio de Janeiro, between 1919 and 1920. The analysis of this autobiographical text, which denounces the oppression and humiliation suffered by its author, aims to demonstrate the strength and timeliness of Lima Barreto's reflection on madness, science and asylum institutions.

Keywords: Lima Barreto; diary; madness; asylum

Recebido em 13/01/2020

Aceito em 13/02/2020

¹ Mestre e doutor em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professor e pesquisador da Fiocruz e professor colaborador na pós-graduação em Ciência da Literatura da UFRJ.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no dia 13 de maio de 1881, exatos sete anos antes da abolição da escravatura, e morreu em 1922. Entre as amarguras do escritor, em sua vida breve e repleta de dificuldades, pesava a consideração de que não foi devidamente reconhecido o valor de sua obra literária, autodenominada “militante”, portanto combativa, com ânimo ativista, e “biográfica”, ou seja, “impregnada de seu autor”, no dizer de Lilia Moritz Schwarcz (SCHWARCZ, 2017, p. 12; 2010, p. 674). Essa impregnação abarca a obra como um todo, tornando proeminentes os problemas relativos à cor da pele e à exclusão social vividos pelo escritor carioca, mas talvez seja ainda mais evidente nos seus numerosos contos, entre os quais, em grande número, há os que tratam direta ou secundariamente do problema da cor e do preconceito. Diga-se, ainda, que a presença dos pobres, reiterada nas narrativas, assinala a enorme distância das posições sociais (Cf. SCHWARCZ, 2010, p. 15-53). Lima, como negro, sofreu na pele a discriminação – “o exílio na pele”, para usar a expressão de Alfredo Bosi a respeito de um personagem do escritor, Isaías Caminha, cuja experiência explicita a dureza de sentir-se como que exilado por não ser branco (BOSI, 1992, p. 266-272). Efetivamente, há nos livros de Lima Barreto presença forte e decisiva do preconceito racial, bem como da pobreza e da discriminação social; problemas submetidos a crivo que os articula. Para todos nós que conhecemos o Brasil de hoje, salta aos nossos olhos a atualidade do vínculo entre negritude, pobreza e preconceito. Com toda razão, Roberto Schwarz afirmou que a prosa de Lima Barreto, tal qual a de Machado de Assis e a de Joaquim Nabuco, “não sofreu a desqualificação da história” (SCHWARZ, 1997, p.115).

Os problemas referidos são suficientes para explicitar que o vinco autobiográfico e o caráter testemunhal dos escritos de Lima Barreto não fazem sua produção enveredar pelas trilhas do personalismo. É verdade que a relação vigorosa entre biografia e literatura foi ressaltada por vários estudiosos da obra barretiana não raro com reserva ou até com olhar crítico condenatório, como o de José Veríssimo. Outros críticos, contudo, souberam tratar a questão com o cuidado merecido. Embora faça restrições, ao vincular a presença robusta do testemunho na obra, entre outras tendências, ao desempenho irregular de Lima como ficcionista, Antonio Candido sublinhou, com precisão, a capacidade do escritor de fundir “problemas pessoais com problemas sociais”. Na formulação do crítico, o autor de *Clara dos Anjos* soube aprofundar “o autoconhecimento graças ao conhecimento do meio”; em sua arte “o sentimento pessoal

se torn[a] verdade para os outros”, ao passo que “a verdade dos outros” converte-se em “experiência pessoal”; na escrita barretiana há trânsito constante da “particularidade individual” para uma “espécie de concepção do homem e do mundo”; a “mágoa” do artista “rebelado” dá ensejo à intervenção inconformista, não ao “isolamento” (CANDIDO, 1989, p. 39-50). De fato, personalismo e isolamento individualista estão entre as atitudes menos conciliáveis com a obra de um escritor que visava fundamentalmente “a comunicabilidade direta com o maior público leitor” e buscava “expressar a mais rica polifonia de vozes urbanas e suburbanas” (SEVCENKO, 2010, p. 4).

Tais reflexões preliminares são importantes para o estudo dos escritos pessoais, os mais testemunhais do autor, como o *Diário do hospício*. Este constitui o relato da segunda internação de Lima Barreto no Hospital Nacional dos Alienados, no Rio de Janeiro, entre o Natal de 1919 e fevereiro de 1920, e revela a necessidade de registro daquela experiência duríssima. No referido hospital e pelo mesmo motivo, delírios alcoólicos, o escritor enfrentou a internação precedente, entre agosto e outubro de 1914. Com base na experiência no manicômio ele escreveu ainda um romance que ficou inacabado e tem o título impactante de *Cemitério dos vivos*. Assim, da estadia no hospício resultaram um conjunto de anotações autobiográficas e uma obra de ficção, postumamente publicados. Há trechos do *Diário* e do romance que são absolutamente idênticos, possibilitando que o real e o imaginário se interpenetrem nos dois textos. Além disso, no *Diário* há questões importantes que reaparecem no romance com desenvolvimento próprio que interessa assinalar, como veremos.

Logo no início de *O diário do hospício*, o escritor revela que entrara lá “pelas mãos da polícia”. É desconcertante saber que, comparado à ação da polícia, o hospício é incômodo menor: “[...] o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida” (BARRETO, 2010, p. 43-44). Agente de tal modo pernicioso na vida de Lima Barreto, a polícia o incomoda bem mais do que o hospício, instituição que classifica e estigmatiza aqueles que nela estão encerrados: os loucos, os “anormais”, que têm de ser isolados. Porque, no fundo, tem consciência de que não é louco, mas que seus problemas derivam do álcool e de suas dificuldades de ordem material. Ele próprio descreveu seus delírios, relatando que via monstros pelas paredes e, quando isso ocorria, ficava agressivo com as pessoas que tentavam ajudá-lo, quebrava móveis. Por isso, sua família decidiu

interná-lo (Cf. SCHWARCZ, 2017, p. 275).² No *Diário do hospício*, admite: “de quando em quando dou sinais de loucura: deliro” (BARRETO, 2010, p. 44). Mas nem sempre a aparência de loucura significa loucura real, pois pode ser sintoma de problemas de outra ordem, que não devem ser negligenciados. Em outro registro do *Diário*, a ser analisado posteriormente, dirá que tem consciência de que o álcool, suposta causa das “crises de loucura”, não é o fator principal, sugerindo que a complexidade dos tormentos que o afligem não sanciona explicações simplistas. Portanto, é notável a lucidez do ponto de vista nesse propósito de identificar e compreender os problemas de sua vida, distinguindo-lhes o alcance, sem dissimulações. Diga-se, na verdade, que todo o *Diário do hospício* está comprometido com a postura lúcida ao tratar da experiência de confinamento no recinto dos chamados loucos. Para usar uma imagem, com certa liberdade de espírito, digamos que a razão diligente conduz o relato, cuja penetração crítica na consideração da loucura e de seu tratamento, colocando à prova agudamente o prestígio de certa ciência, constitui um dos pontos altos de sua qualificação e garantia de atualidade. De fato, impressiona, como anota Alfredo Bosi, “o efeito de serena lucidez” a sair de obra escrita “em um asilo de alienados” (BOSI, 2010, p. 11). Entretanto, diga-se de passagem, talvez não caiba o adjetivo “serena” para qualificar a lucidez em páginas também carregadas de tormentos e desespero.³

Entre as práticas vigentes no hospício, impostas aos internos, a primeira referida no *Diário* é a obrigação de trocar a roupa que trazem e vestir outra que se reduz ao mínimo, suficiente apenas para não ficarem nus – além disso, não recebem chinelos ou tamancos. Trata-se de procedimento que desapossa os internos de seu vestuário e, em certa medida, de suas individualidades, ao reduzi-los a condições equalizadoras. Despojados das roupas cotidianas, logo que chegam, eles têm de vestir outras totalmente inadequadas a seus corpos, a suas características físicas – prática cujo efeito é igualar a todos como internados e, em maior ou menor medida, alienados. À escassez da roupa somam-se o colchão e a manta ordinários referidos em seguida para explicitar todo um conjunto de condições materiais precárias. A destacar que uma das linhas de

² Em passagem do *Diário do hospício*, ao lamentar-se por ter de conviver com alienados, Lima não deixa de acusar a convergência de forças familiares e policiais por sua desdita: “[...] não posso deixar de censurar a simplicidade de meus parentes, que me atiraram aqui, e a ilegalidade da polícia que os ajudou” (BARRETO, 2010, p. 86).

³ Devo a observação a Silvia Jardim em conversa sobre o presente artigo.

força do relato diz respeito ao vínculo problemático entre internação manicomial e pobreza brasileira. No hospício há o setor dos indigentes, a Seção Pinel, na qual “a imagem do que a Desgraça pode sobre a vida dos homens é mais formidável”. Não obstante a “proveniência mais diversa” em termos de nacionalidade, etnia ou profissão, os loucos originam-se em geral das camadas mais pobres “da nossa gente pobre”. Entre eles há imigrantes, negros, roceiros, cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores braçais. O estigma da loucura e a pobreza nivelam quase todos. Se alguns se distinguem pela educação, nem por isso se livram das garras da penúria e das desgraças que o desamparo impõe: “No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela geena social”⁴ (BARRETO, 2010, p.48). São passagens nas quais o hospício aparece como lugar onde se recolhe gente pobre, a qual é apartada do convívio social. Digamos que, assim, para a sociedade da época, tratava-se de “resolver” dois problemas em regime único de exclusão: isolar o louco ou o suposto louco e, como geralmente o louco é pobre, afastar também o pobre da vida social.⁵ Além disso, outro componente aparece em passagem do romance *Cemitério dos vivos*. Loucos e pobres ostentam também certa característica relativa à cor da pele: a maior parte dos internos na Seção Pinel é negra. No ambiente dos loucos, a associação de negritude e penúria como problema estrutural do país, portanto incontornável, impõe-se como imagem negra que se expande, domina, ofusca:

Devido à pigmentação negra de uma grande parte dos doentes aí recolhidos, a imagem que se fica dele, é que tudo é negro. O negro é a cor mais cortante, mais impressionante; e contemplando uma porção de corpos nus, faz ela que as outras se ofusquem no nosso pensamento (BARRETO, 2010, p. 211).

A desproteção social, marca do país, não poderia escapar ao olhar crítico do escritor encerrado no manicômio, já que, por experiência própria, conhecia bem carências materiais. Com efeito, em muitas passagens do *Diário do hospício*, a partir das agruras da internação, Lima Barreto desfia um rosário de problemas nacionais, entre os quais a pobreza, com a acuidade analítica que caracteriza sua crítica social. Assim, o

⁴ Geena é lugar de suplício eterno pelo fogo; inferno. Trata-se da primeira associação entre hospício e inferno. Outro exemplo, com erudição literária, está no trecho em que o pátio do hospício é comparado a uma *bolgia* do inferno: referência à *Divina comédia*, nos cantos em que Dante descreve o oitavo círculo do Inferno, formado por 10 fossas (*bolgia*), onde habitam os danados (Cf. BARRETO, 2010, p. 51).

⁵ Hoje, com a Lei da Reforma Psiquiátrica, fruto do movimento antimanicomial, o país avançou muito na luta contra o isolamento das pessoas com transtornos mentais. Entretanto, as ameaças de retrocesso são reais na atual conjuntura. Além disso, a política de isolar “indesejáveis” vai de vento em popa no Brasil, recentemente alçado à terceira posição mundial entre os países que mais encarceram.

país é confrontado em seu pouco apreço pela “[h]erança dos índios”, por “falta de iniciativa e autonomia intelectual”, pela ignorância dos doutores, pelo apego basbaque a ninharias como o “título universitário que aqui se transformou em título nobiliárquico”, entre outras desditas (BARRETO, 2010, p. 93-94). Se há amargura e ressentimento pessoais, inextricáveis das avaliações, nem por isso estas deixam de constituir, até certo ponto, depoimentos sustentáveis acerca do Brasil que Lima conheceu e no qual viveu.

A referência à primeira internação leva-o à certeza de que não haverá uma terceira vez; do contrário, a saída será para o cemitério, passagem em que o escritor explicita a desistência da vida e, pela primeira vez no relato, o hospício aparece associado à ideia de morte: “[...] saio dele [do manicômio] para o São João Batista que é próximo” (BARRETO, 2010, p. 44). A recusa de nova experiência de manicômio alimenta-se do sentimento de que se tornava um entrave, um peso para os outros.

Assim, além de inferno, o hospício figura como espaço da morte para o escritor, referido por ele como “catacumba”. Em reforço à comparação fúnebre, lembremos o título do romance inseparável do *Diário do hospício: Cemitério dos vivos*. Mas a morte não se insinua apenas no espaço manicomial, tal a potência do infortúnio em vidas como a de Lima Barreto: quando sair do manicômio, encontrará o escritor “a sala mortuária”, como ele próprio considera sua casa. Essa equivalência – “Tanto faz, lá ou aqui” – expõe a dificuldade insolúvel de uma vida, que se fecha à possibilidade de nova existência (BARRETO, 2010, p. 94). Mais adiante, outro trecho também finca pé no impasse. Se o hospício é intolerável, não pode ser senão imenso o desejo de sair dele, como desabafa Lima. No entanto, o risco de reincidir no vício da bebida, que leva ao delírio, suprime ou dificulta muito a crença de que a vida fora do hospício seja libertação. As palavras desvelam a infiltração do medo no sujeito: medo de que não consiga nunca se emancipar, de que seja sempre refém do círculo vicioso. A morte volta a ser referida, agora como o fim que tarda, no desabafo doloroso e agônico que testemunha a inanidade do manicômio, com seus procedimentos e saberes. A meditação desesperançada convida à reflexão sobre aquela experiência terapêutica, tão atroz quanto inócua, e não é preciso que esteja formulada para que certa indagação se imponha ao leitor do *Diário*: para que serve a condição de estar internado se ela não abre flanco algum de superação do problema que motivou a internação? Se não há saída e a condição de sem-lugar é intolerável, resta a explicitação patética da impotência: “E

eu não sei morrer” (BARRETO, 2010, p. 129). Diga-se, contudo, que o *Diário* registra oscilações do espírito atormentado a respeito da vida e da morte: em outra passagem, não obstante o reconhecimento do referido círculo vicioso, o memorialista afirma, grifando as palavras: “*Não quero morrer, não; quero outra vida*” (BARRETO, 2010, p. 58).

Apartado dos amigos, sente-se esquecido por eles. Em registro posterior, a perspectiva do completo abandono vai-se tornando nítida: se demorar mais tempo no hospício, sem visitas, ficará sem cigarros, sem roupa própria. Outra dificuldade, reiteradamente registrada, diz respeito à incongruência entre sua lucidez e o ambiente do hospício, onde não pode ter uma conversa que não resulte em “disparate”, como registra a certa altura (BARRETO, 2010, p. 58). Desabafa: diz-se cercado de delirantes, tendo de submeter-se a certa “incoerência verbal de manicômio” (BARRETO, 2010, p. 60). Essa incomunicabilidade ou, pelo menos, grande entrave comunicativo, dá a medida da solidão de alguém que nada tem de louco, mas está internado em hospício. Relativamente à solidão, ressalte-se sofrimento que ressuma de muitas páginas do *Diário*, ainda que o narrador não o expresse com todas as palavras: é certamente intolerável distinguir-se pela lucidez e, ainda assim, ali encerrado, não escapar à concepção de insanidade então vigente. Em contexto, o cerco a alguém como Lima Barreto era poderoso, legitimado por teorias amplamente aceitas. À época havia entendimento de que alcoolismo estava associado a estados de demência e moléstias mentais. Entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do XX, estudos consideravam a existência da loucura “alcoólica”, categorizada como “psicose tóxica”. Se, por um lado, não havia consenso quanto ao fato de o abuso de álcool ser causa ou consequência de problemas mentais,⁶ por outro lado, afirmava-se sem divergência que o alcoolismo poderia produzir sintomas praticamente iguais aos manifestados pelos alienados mentais. Além disso, outra teoria era particularmente desfavorável para alguém como Lima Barreto, negro, cujo pai não escapou à loucura: teóricos, estudiosos do assunto, em número considerável, acreditavam na maior incidência de casos de alienação mental em país mestiçado. “Negros e mestiços” estariam, segundo essas teorias, mais propensos a ela. Contra a miscigenação tudo valia para aqueles que ansiavam pelo branqueamento do país e Lima certamente conhecia bem as teorias da

⁶ Em anotação esparsa do *Diário do hospício*, lê-se: “Houve quem perguntasse: bebemos porque já somos loucos ou ficamos loucos porque bebemos?” (BARRETO, 2010, p.128).

degeneração, as quais tratavam de difundir seu arsenal de estigmas: indivíduos miscigenados eram especialmente viciosos, com “tara hereditária” pesada que os tornava mais vulneráveis a doenças mentais e outros males (cf. SCHWARCZ, 2017, p. 271-276). Registre-se que, em passagens de *O cemitério dos vivos*, o protagonista Vicente Mascarenhas enfrenta a “sinistra teoria da herança de defeitos e vícios”, assinalando sua insubsistência ao confrontá-la com uma série de questionamentos e indagações (BARRETO, 2010, p. 151-154; 243-244).

O pudor que sente em face da nudez imposta aos internos leva-o a lembrar-se de Dostoiévski e fazer a primeira referência à literatura no *Diário*. Sintomaticamente, a violência e a dor daquele momento fazem o escritor amargurado lembrar-se dos sofrimentos de outros escritores: além do grande autor russo na Sibéria, o sofrimento em Argel de outro gigante literário, Cervantes. O registro doloroso em campo literário não impede que a literatura possibilite ainda alguma expectativa favorável em relação ao futuro, não obstante a aniquilação como alternativa a que também se liga: “Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela” (BARRETO, 2010, p. 46). O leitor familiarizado com a biografia de Lima Barreto sabe que suas esperanças de êxito e suas amarguras na carreira literária são fundamentais para entender o sofrimento intenso decorrente do estado a que chegou naquele momento da vida. Em outro registro do *Diário*, a desolação é plena e anula quaisquer expectativas quanto ao “grande futuro” a que, por suas qualificações e retidão, ele aspirava: “[...] todas as posições falham e todas as precauções para um grande futuro são vãs”. Ao registrar humilhações que sofreu, ressalva que elas não valem por si. Importa a convicção doída da sina adversa, a certeza de que os esforços para a vida cobiçada são infrutíferos (BARRETO, 2010, p.82).

Muito interessante é a passagem do *Diário do hospício* em que Lima Barreto tece impressões sobre o médico Henrique Roxo e qualifica, de modo indireto e irônico, a ciência e o hospício de modo a desmontar toda a prosápia do médico. Tratava-se de alguém conhecido do escritor, que pôde assim compor um retrato pouco lisonjeiro de Roxo, apesar de reconhecer seus méritos. O teor depreciativo das observações sobre o psiquiatra tem alcance crítico que não se ajusta ao plano estritamente individual. Se Roxo parece-lhe “inteligente, estudioso, honesto” nem por isso conta com a simpatia de Lima por razões expostas a seguir. A crítica ao indivíduo serve também à caracterização negativa de parcela dos médicos brasileiros que, como Roxo, tem “ar de certeza de sua

arte”, desdenha outros saberes, outros esforços intelectuais diferentes do seu. Arrogância intelectual, pouca capacidade de “examinar o fato em si”, cultura excessivamente livresca. Tudo isso redundante, malgrado a autoavaliação do próprio médico certamente (e, por extensão, de parte dos médicos brasileiros da época), em espírito pouco investigativo, pouco científico propriamente. Nos termos de Lima Barreto, “pouco interessado em descobrir...”. O ponto alto dessa passagem é a crítica aguda que faz, na conversa com o médico, à ciência e a seu correlato institucional na ocasião, o hospício. Argutamente a declaração se faz por via indireta, como convicções do irmão. Na verdade, não cabe dúvida quanto ao questionamento de tais convicções e, haja vista os termos usados, à mordacidade do emissor da crítica. A onipotência e a credence, atribuídas respectivamente à ciência e ao hospício, são congruentes com as avaliações de Lima a respeito de Roxo, alguém que exala certezas. No fim das contas, com cajadada única, a crítica do escritor envolve responsabilidade familiar, certa concepção de ciência e crença sem fundamento nas práticas manicomiais para explicar os motivos de sua presença naquele lugar, diante do médico. Foi posto ali pelo irmão, alguém que “tinha fé na onipotência da ciência e a credence do hospício”. Portanto, a onipotência da ciência exige fé, o que aproxima o reconhecimento desta a uma espécie de crença religiosa. Quanto à instituição do hospício, esta é associada à palavra credence, cujo sentido pejorativo avulta devido ao intento mordaz. Inusitada, a associação entre manicômio e crença de cunho supersticioso tem coerência: dada a negatividade das avaliações sobre a instituição no *Diário*, apenas como credence pode ser concebida a aceitação de suas práticas. A ironia da declaração parece não ter escapado ao médico, que não gostou do que foi dito. As palavras confundem propositalmente os domínios da fé, da superstição e da ciência, apagando suas fronteiras, dando-lhes uma equivalência que questiona a ciência e sua legitimação como domínio do saber, da razão. Em termos mais concretos e em convergência com a força empírica do relato, trata-se de sugerir equívocos vigentes sobre a ciência e a prática científica em instituições manicomiais como a que se encontrava o escritor (BARRETO, 2010, p. 46-47).

Além das impressões a respeito de Henrique Roxo, os médicos são objeto de exame do paciente Lima Barreto em vários trechos do *Diário* (uma curiosa inversão de papéis), compondo galeria de personagens cujos procedimentos desvelam algumas das

práticas vigentes na medicina mental da época. Ainda no plano das relações com os médicos, o tratamento que recebe destes faz aflorar em Lima sentimentos diversos e contrastantes, os quais têm interesse.

Certo doutor Airosa o interroga. Ele não lhe parece “mau rapaz”, apesar de talvez sugerir que Lima devesse ficar ali mesmo, na seção de indigentes, ou não reconhecer seus “méritos literários”, os quais “nada valiam” (BARRETO, 2010, p.48-49). A avaliação de Airosa, ao sugerir a condição de interno como infensa a distinções meritórias, deveria ser particularmente dura ao escritor em crise extrema, cuja situação contraria seus ideais a ponto de considerá-los, ao lembrar-se deles às vezes, inalcançáveis. Entretanto, em contraste com outras passagens do texto, nas quais as aspirações do literato entram dolorosamente na pauta, a explicação dada a seguir minimiza a atitude do doutor. A hipótese acerca do não reconhecimento de seu trabalho literário e a conclusão a respeito da nulidade de seus méritos como escritor naquele momento, apesar de o obrigarem a confrontar uma das dificuldades mais duras à sua sensibilidade em tais circunstâncias, não fazem Lima Barreto encarar suas frustrações. Inopinadamente, ele não se sente diminuído, atribuindo tal postura do médico à juventude, com condescendência.

Outros contatos com médicos recebem avaliação favorável do escritor. Entre todos, Lima talvez encareça mais o tratamento que lhe dispensa o doutor Juliano Moreira. Recebe deste “grande ternura”, atenção, verifica que o famoso psiquiatra não o admoesta, além de tentar diminuir o distanciamento imposto pelas posições assimétricas (BARRETO, 2010, p. 51). Também reconhece ter recebido de certo médico, conhecido do escritor de tempos estudantis, tratamento atencioso: “Ele me tratou muito bem, auscultou-me, disse-lhe tudo o que sabia das consequências do meu alcoolismo [...]”. O *Diário* registra a polidez do mesmo médico e seu interesse em exortar Lima a reagir ao vício da bebida: “[...] deu-me conselhos para reagir contra o meu vício” (BARRETO, 2010, p. 57). Já o encontro com o alienista na Seção Pinel, o pernambucano Antônio Austregésilo, tem consequência adversa: “me fez arrepiar de medo”. Poderia haver uma aproximação entre ambos, pois frequentaram escolas de nível superior. Se a escolaridade talvez favorecesse certa proximidade, naquele momento em que se encontram há um abismo entre eles: um é o médico, o outro, o paciente; um trata dos loucos, o outro, se não é louco, é um pobre ali recolhido como tantos outros pobres.

Contrastando com a ocasião referida em que não se sente diminuído diante do médico, agora a consciência da assimetria de posições lhe é extremamente dolorosa. Em reforço a diferenças tão ostensivas, o médico não faz qualquer menção ao conhecimento prévio que travaram. Naquele momento aflora em Lima seu “estado de humilhação”, o que o impede de sequer recordar ao doutor que se conheciam dos tempos de estudante (BARRETO, 2010, p. 55).

São oscilações que dão a medida das dificuldades colossais de Lima Barreto, as quais resultam do choque entre as ambições de maior reconhecimento de seu valor como artista e intelectual, e o presente humilhante: preso ao vício do álcool, internado em hospício, sentindo-se rebaixado. Além disso, a respeito do mesmo doutor Austregésilo, há outro comentário que, apesar de sumário, como se não fosse lembrança a exigir realce, encerra crítica vigorosa: aquele médico era capaz de reduzir o paciente a objeto de experiências, submetendo-o a procedimentos sem a devida reflexão. Lima vê o doente como alguém entregue, em situação de impotência, ao poder e à ação de quem supostamente detém os conhecimentos especializados. No caso, trata-se de um médico amante “do *vient de paraître*” em sua área de especialidade, disposto a empregar “qualquer novidade de cirurgia aplicada à psiquiatria”, provavelmente mal assimilada, “sem nenhuma reflexão preliminar”, usando os pacientes em experimentos. O gosto novidadeiro e pouco refletido do cientista motiva prática psiquiátrica que desqualifica o paciente submetido ao poder médico: o experimento aplica-se a um “doente qualquer” (BARRETO, 2010, p. 56). Ao colocar o foco em tais problemas, a crítica de Lima Barreto, não obstante sua brevidade, tem afinidade com reflexões posteriores que se tornaram incontornáveis. Décadas depois, Michel Foucault, no seu livro *Microfísica do poder*, apontou que, “implicado nas relações de poder” está “o direito absoluto da não loucura sobre a loucura”. Trata-se de:

[...] triplo poder que constituía a loucura como objeto de conhecimento possível para uma ciência médica, que a constituía como doença, no exato momento em que o ‘sujeito’ que dela sofre encontrava-se desqualificado como louco, ou seja, despojado de todo poder e todo saber quanto à sua doença (FOUCAULT, 2014, p. 211).

Creio que não seja forçado aproximar a reflexão de Foucault à crítica que Lima faz ao alienista brasileiro na referida passagem, pois esta incide sobre certo poder médico capaz de reduzir o paciente a tão pouco, a objeto de experiências, a “doente qualquer”, a louco qualquer.

Ao olhar esquadrinhador de Lima Barreto sobre o hospício não escapam aspectos materiais como a edificação. Seu propósito é avaliar a adequação desta a suas finalidades. Assinalo a sobriedade do ponto de vista, capaz de reconhecer positivities malgrado o sofrimento e a desesperança que sente por estar encerrado no asilo dos loucos. É significativa a parte que cabe ao julgamento favorável: o edifício é bem construído, há cuidados higiênicos garantidos, quartos amplos, bom arejamento. Em acréscimo, a natureza em torno favorece: a enseada de Botafogo “linda”, com “sua imarcescível beleza”. Entretanto, a observação seguinte, desacorde com aquelas positivities, torna o trecho dos mais contundentes do *Diário* acerca do hospício, instituição que, não obstante cuidados a ela associados e até a beleza eventual do entorno, veta a capacidade de sonhar. Coerentemente com a desesperança que emerge das palavras do *Diário* de modo reiterado, o manicômio aparece, da perspectiva de alguém nele encerrado, como incompatível com o sonho. Em relação ao cenário natural próximo, o verbo utilizado é sintomático, pois a bela paisagem serve para “consolar”, aliviar o peso de observá-la atrás de grades. Não obstante o consolo da beleza, a experiência de estar preso no asilo dos loucos faz desaprender a sonhar: “[...] o ar azul dessa linda enseada de Botafogo que nos consola [...], quando a olhamos levemente enrugada pelo terral, através das grades do manicômio, quando amanhecemos lembrando que não sabemos sonhar mais...”⁷ (BARRETO, 2010, p. 50). A lembrança dolorosa do memorialista finca pé no intolerável e reforça a inaceitabilidade da reclusão manicomial. Diga-se que, associado à ideia de condenação (inferno), à de morte (catacumba), à de encarceramento, o hospício não pode ser senão um espaço de supressões, no qual a impossibilidade do desejo, ou seja, a experiência de extinção dos sonhos dos que já não sabem sonhar, impõe uma espécie de vida mutilada.

Do terceiro capítulo para o quarto, o memorialista salta de sua experiência pessoal de internação e de cogitações sobre sua suposta loucura, no caso inseparável do alcoolismo, para uma interrogação sobre a loucura dos homens, mormente observando a insânia daqueles entre os quais se encontra. O movimento assinalado, da introspecção à

⁷ Em um dos principais romances de Machado de Assis, o personagem principal, Quincas Borba, novo rico devido a uma inesperada herança, sonha acordado com a propriedade de tudo e aparentemente contempla a paisagem, que é a mesma enseada de Botafogo. Entretanto, se para Lima a bela paisagem apenas consola, já que a vê do manicômio, onde o sonho é uma impossibilidade, para o “capitalista” recente, muito bem instalado em sua grande casa, a visão da enseada faz que, ela também, entre “na mesma sensação de propriedade” (Cf ASSIS, 2008, p. 761).

percepção da exterioridade ou, mais propriamente, ao esforço para tentar compreender os outros homens ali internados e com os quais tem de conviver, expressa-se nos respectivos títulos dos referidos capítulos: “A minha bebedeira e a minha loucura” e “Alguns doentes”. Além da disposição interrogativa comum ao final de um e início do seguinte, uma conexão forte entre os capítulos sustenta-se: em ambos há questionamento mordaz da onipotência científica, que infla certezas, a qual é submetida, com ânimo desmistificador, aos limites do saber e das explicações então disponíveis. Diga-se que a crítica à ciência ou a práticas e concepções que elevaram a ciência “à condição de grande mito da *Belle Époque*” foi preocupação constante de Lima Barreto e está presente não apenas no *Diário do hospício* e no *Cemitério dos vivos*, mas também nas “narrativas do *Isaiás Caminha*, do *Gonzaga de Sá*, da *Clara dos Anjos*”. Seu alvo era “uma ciência desencaminhada”, cujas conclusões, “tornadas em dogmas [...] geravam situações atroz e de intensa opressão” (SEVCENKO, 1999, p. 174-175).

No capítulo III o espanto diante do que não se deixa apreender em sua própria vida, nas próprias alucinações – suas “alanceantes dúvidas”; ele, alguém, “[c]heio de mistério e cercado de mistério” –, faz Lima sorrir das “prosápias sabichonas”, das “sentenças formais dos materialistas” e de outros acerca das “certezas da ciência” (BARRETO, 2010, p. 64). Portanto, “o tom de perplexidade cognitiva”, a que se refere Alfredo Bosi, manifesta-se quando “o narrador sai de si mesmo” (BOSI, 2010, p. 22), como assinala o crítico, mas também, acrescento, nas suas tentativas de introspecção, nos esforços para captar e conhecer o que resiste como enigma não apenas fora de si, mas nele próprio, e está para além de “qualquer fator ao alcance da mão” – esforços que, como não podem resultar na elucidação desejada, esbarram na palavra “mistério”, não por acaso repetida em passagem que não corrobora elos superficiais de causa e efeito. No capítulo, súplica de suas desgraças materiais e de seus desalentos quanto à carreira das letras, o memorialista desautoriza o vício da bebida, entre outros fatores, como explicação reducionista, ou seja, não sanciona qualquer indicação simplista das origens de seus desequilíbrios, de suas alucinações. E, perplexo, encerra o capítulo com três interrogações para as quais não encontra as devidas respostas: “O que há em mim, meu Deus? Loucura? Quem sabe lá?” (BARRETO, 2010, p. 64-65).

Outra indagação sobre a loucura dá início ao capítulo IV, como que inspirada pelas anteriores, embora a resposta, que a partir de então ensaia, ultrapasse os limites do

eu. A observação dos outros ali internados faz que o narrador se volte para as particularidades, as manias individuais dos loucos, os quais são delirantes, megalômanos, paranoicos etc. Em vez de uma “impressão geral” da loucura, a partir da qual se pudesse chegar a uma explicação que reduzisse sua variedade a entendimento único, com a devida chancela científica, o narrador afirma a diferenciação, a singularidade. Bem considerados, os traços individuais daqueles tidos como loucos desautorizam classificações arbitrárias: “Não há espécies de loucos, não há raças de loucos; há loucos só” (BARRETO, 2010, p. 67). Ao ajuizar autonomamente, com lucidez notável, o problema da loucura – a razão sempre diligente! –, Lima Barreto não apenas ultrapassava o paradigma psiquiátrico tradicional em vigor na Primeira República brasileira, ao objetá-lo implicitamente, como se opunha à compreensão determinista da ciência mental da época, e não apenas no Brasil, com seus esquemas classificatórios insuficientes (Cf ROSENBAUM, 2010, p. 7; e BOSI, 2010, p. 22).

Não faltam nomenclatura, terminologia, ânimo de observar e descrever, mas tais recursos e procedimentos, diz-nos o narrador, não tornam “explicável” a loucura. Em passagem de capítulo posterior, reforçam-se a existência de diferentes formas da desrazão e da disparidade de suas manifestações, reafirmando-se o mistério que ela porta. A tarefa de decifrá-lo pode “estar acima das forças humanas”, arrisca (BARRETO, 2010, p. 90). Coerente com sua visão da loucura como enigma, a permanecer além da possibilidade de elucidação plena pelos homens, o memorialista especula sobre a esterilidade da terapêutica, incapaz de curar a insânia, mesmo suas “mais simples formas” (BARRETO, 2010, p. 68). Trata-se de questionamento antípoda à postura de médicos ciosos de sua autoridade científica a ponto de se tornarem avessos à dúvida, que seguem à risca os tratados de patologia mental, não têm inquietação, livrescos como o já referido doutor Roxo. Não se deve subestimar a gravidade de tal postura, pois a presunção de saber conduz ao oposto das intenções pretensamente esclarecidas: a cegueira quanto à validade dos procedimentos. Por isso, o narrador sentencia com dureza, com foco na tirania sempiterna do manicômio em pleno século XX, mais uma vez ajuizado em termos fúnebres: “[...] o nosso sistema de tratamento ainda é o da Idade Média: o sequestro. [...] Aqui, no hospício, com suas divisões de classes, de vestuário, etc. eu só vejo um cemitério: uns estão de carneiro e outros de cova rasa” (BARRETO, 2010, p. 90).

A “questão do álcool” retorna no capítulo IV e dá ensejo à ponderação sobre causas da loucura. O exercício reflexivo prescinde de respostas, apostando na força das indagações para colocar na pauta problemas que o narrador julga alheios aos esquemas interpretativos da psiquiatria determinista. Quanto ao alcoolismo, Lima não o nega e atribui, “como toda a gente”, suas “crises de loucura a ele”. Mas ressalva, desviando-se da opinião convencional: ele bem sabe que o vício da bebida “não é o fator principal”. A reflexão ensaiada a seguir extrapola a seara individual: as causas são variadas, tantos problemas podem ser fontes de sofrimento psíquico, medita o memorialista. Entretanto, as três hipóteses acerca de forças desencadeadoras da insanidade, aventadas por ele, podem ser relacionadas também, em maior ou menor medida, a agruras do indivíduo Lima Barreto. Ele foi um solitário e, entre “os fatos que lhe traziam ‘vazio n’alma””, contava “sua impossibilidade de conquistar as mulheres que desejava” (SCHWARCZ, 2017, p. 269-270). Sintomaticamente o primeiro fator apontado diz respeito ao amor. O amor, desde o “mais carnal”, até aquele que diviniza o “objeto amado”, constitui objeto da indagação do memorialista, como possível fator desestabilizador, capaz de desencadear transtornos psíquicos. Os outros dois são a riqueza e as posições de prestígio na sociedade, as quais são referidas como imposições da existência social, inculcadas desde tenra idade, cultivadas na formação recebida: “[...] a riqueza, base da nossa atividade, coisa que, desde menino, nos dizem ser o objeto da vida [...];[...] as posições, os títulos, coisas também que o ensino quase tem por meritório obter [...]” (BARRETO, 2010, p. 68). Não é concebível levar em conta o peso de tais exigências na identificação de causas da loucura? Com efeito, diga-se também que as experiências “falhadas”, sem riqueza e posição favorável, ou seja, as frustrações de base social e material, implícitas nas indagações e presentes na vida do escritor carioca, têm de ser consideradas nessas hipóteses sobre a loucura. São hipóteses que atam indivíduos tidos como loucos e sociedade, transtornos mentais e malogros sempre presentes, cujo fundamento é, em parte significativa, social. Trata-se de especulação sobre a loucura que não sanciona estigmas e preconceitos sobre o louco, os quais, mesmo hoje, ainda não foram superados.

Para além das classificações da patologia mental, o narrador reitera, ali, no asilo dos loucos, dispondo-se a observar os homens internados, a diversidade das “formas de loucura”. De modo contraintuitivo, ele afirma que algumas destas são indistinguíveis às

vezes do seu contrário: a inteligibilidade, a clareza mental. Em certa anotação do *Diário*, ainda no capítulo IV, suas palavras são as seguintes: “há muitas formas de loucura e algumas permitem aos doentes momentos de verdadeira e completa lucidez”. Em seguida, dá exemplos que dizem respeito a momentos nos quais “o delírio ou a loucura cessava”. Portanto, afirma que a “loucura dá intervalos” (BARRETO, 2010, p. 73). Mas note-se que Lima Barreto talvez não se refira apenas a intervalos de sanidade entre períodos de confusão mental que prevalecem. Sua formulação sugere que a clareza periódica das percepções decorre da loucura em algumas de suas manifestações ou formas e – em alguma medida – são estas que “permitem” períodos de “verdadeira e completa lucidez”. Talvez valha a pena fazer pequena digressão para sugerir a afinidade entre essa passagem do *Diário do hospício* e certo tratamento da loucura em textos de outro grande escritor brasileiro, Machado de Assis, com quem Lima Barreto fez questão de sustentar suas diferenças, diga-se de passagem. Na verdade, há na literatura terreno dos mais férteis para questionar os limites, nem sempre nítidos, entre razão e desrazão. Mas, como não tenho pretensão de demonstração exaustiva, citarei apenas Machado de Assis.

Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, logo após o famoso “O delírio”, há um capítulo intitulado “Razão contra sandice”. Nele a razão retorna a sua casa, ou seja, ao cérebro de Brás após a ação da sandice que o levava ao estado delirante. Ambas discordam: uma quer que a adventícia saia, mas esta pretende ficar, pelo menos mais dez minutos. Por fim, a razão prevalece e expulsa à força a intrusa. À primeira vista temos apenas o confronto, razão contra sandice, no qual prevalece uma das partes. Não obstante o ato de expulsão que é narrado, se o leitor atentar para certa réplica da razão, perceberá que não se trata de oposição sem mais. Ora, ao pedido da sandice de ficar apenas num “cantinho do sótão”, a razão replica que está “cansada de lhe ceder sótãos, cansada e experimentada, o que você quer é passar mansamente do sótão à sala de jantar, daí à de visitas e ao resto”. Como a própria admite, é a razão quem cede espaço à ação da sandice. Apenas por intermédio daquela, esta pode dominar ou, para manter a metáfora machadiana, se expandir por todos os cômodos da casa. Para que não fique dúvida quanto à recorrência de suas ações combinadas e os resultados conhecidos, a razão, realmente experimentada, retruca ao desejo da sandice de ter mais alguns minutos

para desvendar os mistérios “da vida e da morte”: “ – Hás de ser sempre a mesma coisa... sempre a mesma coisa... sempre a mesma coisa...” (ASSIS, 2008, p. 636).

Certa crônica machadiana sobre a “fuga dos doidos” do Hospício Nacional de Alienados tem ainda maior afinidade com a afirmação de Lima Barreto, acima citada, sobre formas de loucura e lucidez. O cronista informa que a fuga foi preparada com esmero: “O cálculo, o raciocínio, a arte com que procederam os conspiradores da fuga, foram de tal ordem, que diminuiu em grande parte a vantagem de ter juízo”. No mundo dos que têm juízo ou assim se supõem, ele afirma: “tenho lido, ouvido e suportado coisas muito menos lúcidas”. Jocosamente mostra-se preocupado com a fuga dos doidos, a partir de então entre os “normais”: “onde acharei método para distinguir um louco de um homem de juízo?”. Pois há momentos na vida dos loucos nos quais ligam-se “as pontas da demência às da razão”, as quais se tornam indiscerníveis (ASSIS, 2010, p. 312-313).

Em parte de seu livro fundamental, Michel Foucault trata da experiência da loucura segundo autores clássicos como Erasmo e Pascal, dois pensadores muito lidos por Machado de Assis. Vale a pena citar alguns termos de Foucault: “A loucura torna-se uma forma relativa à razão”; “loucura e razão entram numa relação eternamente reversível”; “nesse movimento de referência recíproca, elas se recusam, mas uma fundamenta a outra”; a loucura como uma das “forças secretas” da razão, pois “só tem sentido e valor no próprio campo da razão”; “descoberta de uma loucura imanente à razão” (FOUCAULT, 2013, p. 30-36). E em outro livro sobre a loucura, ao recuperar estudos psiquiátricos do início do século XX sobre uma espécie de loucura – “loucura silenciosa” – em que, não obstante ocasionais distúrbios do pensamento, “todas as faculdades do sujeito psicótico permaneciam intactas” e mantinha-se “sua linguagem clara, precisa e lógica”, o psicanalista britânico Darian Leader reafirma a atualidade da argumentação dos autores clássicos estudados por Foucault, Erasmo e Pascal: não há oposição simples entre loucura e razão, mas associação perturbadora (LEADER, 2013, p. 20, 26-27). Como vimos, Machado de Assis e Lima Barreto têm contribuições a esse respeito.

Para encerrar, escolho uma passagem do *Cemitério dos vivos* que, como tantas outras, concentra algumas questões importantes do *Diário do hospício* – passagem marcada, e este é o motivo da escolha, pela expressão extremada da dor, do desencanto.

Já no hospício, após a descrição da faina de limpeza do quarto-forte, da varanda e do banheiro, de que toma parte, o narrador-protagonista do romance, Vicente Mascarenhas, *alter ego* de Lima Barreto, faz observações sobre o guarda e como este vê os que estão ali internados. O guarda é considerado um homem bom, que não maltrata nem despreza ninguém, mas não vê diferenças naquela gente, naquela “maluqueira toda, uniformemente vestida”. Como ficou dito, no início do *Diário*, o memorialista informa sobre a vestimenta de hospício, a qual substitui a que usavam ao chegar e os iguala como internados. Para o guarda, cogita o narrador, todos ali são iguais, não há distinção nenhuma entre eles, o que é um modo de ver que se contrapõe ao de Mascarenhas no romance. Também no *Diário do hospício*, vimos a importância da individualidade dos loucos para o memorialista.

Sem nenhuma maldade ou intento depreciativo, para aquele homem, o guarda, todos ali são pobres como ele e, conseqüentemente, não deviam ficar constrangidos ao executar tarefas humildes. Trata-se de problema de que se ocupa o memorialista, pois no *Diário* ressaltam-se a pobreza dos internados e as sujeições que, como se fossem naturais, lhes cabem.

Outra questão é a do “Destino”, grafado com letra maiúscula, que nivelara Mascarenhas a todos os outros ali, não obstante sua instrução. No *Diário* reitera-se o reconhecimento amargo da existência falhada, que faz descer da vida, pois nela a retidão e as qualificações de alguém tão instruído valem pouco diante da má fortuna. No romance, porém, note-se que o espírito generoso, que não comunga em presunções de superioridade, manifesta-se naquele momento adverso: o narrador afirma que teve de esquecer sua instrução, sua educação, para não se insubordinar inutilmente, o que poderia ser uma injúria a seus “companheiros de Desgraça” e uma postura de quem se julga superior. Mas o desespero por fim vence, o abismo entre o presente e a ambição de grandeza leva-o a pensamentos extremos. E para expor a contundência dessa passagem, reproduzo a confissão dolorosa de Vicente Mascarenhas/Lima Barreto:

Veio-me, repentinamente, um horror à sociedade e à vida; uma vontade de absoluto aniquilamento, mais do que aquele que a morte traz; um desejo de perecimento total de minha memória na terra; um desespero por ter sonhado e terem me acenado tanta grandeza, e ver agora, de uma hora para outra, sem ter perdido de fato a minha situação, cair tão baixo, que quase me pus a chorar que nem uma criança (BARRETO, 2010, p. 183-184).

Desabafo agônico, um dos mais comoventes da literatura brasileira que conheço. Ápice de angústia, expressão incisiva de desespero.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. A Semana. In: BARRETO, Lima. *Diário do hospício; Cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 311-316.

_____. *Obra completa em quatro volumes*. 2ªed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

BARRETO, Lima. *Diário do hospício; Cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BOSI, Alfredo. O cemitério dos vivos: testemunho e ficção. In: BARRETO, Lima. *Diário do hospício; Cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 11-39.

CANDIDO, Antonio. Os olhos, a barca e o espelho. In: _____. *A educação pela noite & outros ensaios*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 39-50.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura: na idade clássica*. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. *Microfísica do poder*. 28ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

LEADER, Darian. *O que é loucura?: delírio e sanidade na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ROSENBAUM, Yudith. Triste fim de Lima Barreto. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 05 set. de 2010, ilustríssima, p. 6-7.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lima Barreto: termômetro nervoso de uma frágil República. In: BARRETO, Lima. *Contos completos de Lima Barreto*. Organização e introdução Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, p.15-53, 2010.

_____. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHWARZ, Roberto. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. A fênix republicana. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, caderno *ilustríssima*, 05 de setembro de 2010, ilustríssima, p. 4-5.